

SÉRIE MEMÓRIAS

Protagonismos no Serviço Social

Carla da Silva¹

Perla Cristina da Costa Santos do Carmo²

Maria Lucia Rodrigues³

*É criação aquilo que é radicalmente novo,
ou seja, que não é derivável daquilo de que procede,
que não é exaustivamente determinado pelo que antecede.*

Castoriadis

Iniciamos no número anterior, a Série Memórias que a Revista Flecha do Tempo publicará em suas edições. A Série é resultado de pesquisa coletiva que o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Questões Metodológicas vem desenvolvendo e que tem por título “Estudo da Trajetória do Serviço Social: diferentes visões e versões”. O estudo tem como propósito dar voz e conhecer diferentes protagonistas do Serviço Social e suas experiências sociais. Experiências (sociais, humanas), quando conjugadas no interior de uma profissão e articuladas ao todo, têm o poder de superar ideias fragmentadas e clarear melhor os caminhos de construção histórica. Pensamos assim em realizar uma releitura da profissão através não só dos eventos que marcaram as mudanças no Serviço Social como também através dos depoimentos e memória de seus protagonistas reais.

Utilizando o método multidimensional de investigação e a técnica de entrevistas estendidas, definimos como sujeitos assistentes sociais estabelecidos através de períodos predefinidos: 1a. fase – 1946 até 1969; 2a. fase – 1970 até 1993; 3a. fase – 1994 até 2017. Esta última fase vai destacar a visão e as experiências dos assistentes sociais contemporâneos.

¹ Doutora em Serviço Social (PUC/SP), pesquisadora no NEMESS Complex.

² Doutora em Serviço Social (PUC/SP), pesquisadora no NEMESS Complex.

³ Doutora em Serviço Social (PUC/SP), Coordenadora do NEMESS Complex.

Prof. Vicente de Paula Faleiros*um sujeito à flor da pele*

Graduado em Direito pela Faculdade de Direito de Franca - SP(1966) e em Serviço Social pela Universidade de Ribeirão Preto (1966), tem especialização em planejamento pela UnB e pelo IRFED-*Institut de Recherches en Développement* (Paris), doutorado (PhD) pela *Université de Montreal* (1984); realizou pós-doutorados pela EHESS – *École des hautes études en sciences sociales* - Paris (1991) e *Université de Montréal* (1996).

Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), é professor titular aposentado e professor emérito da Universidade de Brasília. Também foi professor das seguintes universidades: Católica de Valparaíso-Chile, Laval (Québec), Federal de João Pessoa e Católica de Brasília.

O interesse pelo Serviço Social

Quando estudei Serviço Social estávamos em outra conjuntura (anos 30, 40, 50) completamente diferente; só existiam entidades filantrópicas e o Serviço Social era muito confundido com a assistência; havia no imaginário popular a ideia de ajuda. Meus pais eram pobres e eu precisava trabalhar para pagar a minha faculdade. Mas isso, não me impediu, estudei Serviço Social em Ribeirão Preto e Direito em Franca. Participava de um grupo ligado à ação popular, da Juventude Universitária Católica (JUC)⁴, questionávamos o sistema político da época. Propúnhamos a reforma de base do sistema com o oposto dessa época, o partidão, o partido comunista. Nesse período vivíamos a influência de Che Guevara e da teoria de Paulo Freire; eles faziam parte da nossa luta. Então, a turma que entrou na Faculdade estava em descompasso com a proposta oficial e tradicional do Serviço Social.

Tivemos grandes momentos de disputa no movimento estudantil principalmente pela União Nacional do Estudante (UNE). Com isso, o

⁴ Relato da sua participação da JUC – Revista Serviço Social e Saúde – Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8634955>

movimento estudantil foi ganhando força, eu era o coordenador da Ação Popular em Ribeirão Preto e mantínhamos contato direto com o povo.

Houve um momento em que o Centro Acadêmico foi investigado e começou um inquérito policial militar (chamava-se IPM) comigo e meus colegas; fomos denunciados pelo próprio diretor da faculdade. O diretor afirmava que eu não tinha vocação para os estudos, já havia sido suspenso da faculdade uma semana, pois criticávamos a ordem dominante da época e desenvolvíamos um movimento de crítica dentro da faculdade.

Esse movimento de crítica influenciou a Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), que ajudamos a fundar, apesar de não ser da diretoria. Questionávamos dentro da faculdade os professores reacionários.

Particpei do Encontro de Teresópolis em 1970; as pessoas diziam que todos eram funcionalistas. É preciso ler as entrelinhas, junto com a Sueli Costa⁵, fizemos um trabalho contra o Lucena Dantas⁶ que defendia fortemente o funcionalismo. Sueli e eu fizemos um trabalho no Seminário de Teresópolis para analisar a estrutura. Essa análise sobre a estrutura foi publicada no meu livro em 1970, *Metodologia do Diagnóstico Social*; nessa publicação não pude falar de Marx. Se eu usasse a palavra Marx era pena de morte, tortura, não era possível naquela época a visão de hoje sobre o marxismo; fiquei com medo porque já havia sido preso em Ribeirão Preto em 1964.

Eva, minha companheira, me apoiou muito, embora não fosse filiada a nenhum partido político, ela inclusive não perguntava nada do que eu fazia; era a maneira de se proteger.

O período da ditadura

Em 1967 fui preso novamente em casa (Brasília) porque estava apoiando a guerrilha. Os movimentos no campo conseguiram me libertar em 1970, pois

⁵ Sueli Gomes Costa - Assistente Social e economista, professora titular (aposentada) da Escola de Serviço Social na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora associada do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social e do Programa de Pós-Graduação em História, ambos na UFF. Autora de vastíssima produção intelectual na área do Serviço Social e Feminismo. Esteve presente nos debates da profissão no período do Movimento de Reconceituação, com participação na elaboração do Documento de Teresópolis. Seu livro *Signos em Transformação: a dialética de uma cultura profissional*, publicado pela Editora Cortez em 1995, conta-nos a história do Serviço Social pelo viés da cultura como um processo de longa duração. (ALMEIDA; LOLE, 2016) "Cultura, História e Serviço Social: entrevista com Sueli Gomes Costa". Revista: EM PAUTA, Rio de Janeiro, 2o Semestre de 2016, n. 38, v. 14, p. 384 – 389. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/Pesquisa%20Coletiva/sueli%20costa.pdf>

⁶ José Lucena Dantas – Assistente Social, graduado pela Escola de Serviço Social da PUC RJ(1960), com Especialização em nível pós-graduação em Planejamento Econômico Social pela UNB (1967) e graduado em Direito pela AEUDF (1979).

queriam me prender de novo e aí tive que fugir para o Chile. Fui condenado há um ano de prisão. Imagina um ano de prisão? É melhor um ano fora (país), pois era muita tortura. Não tinha como continuar escondido tive que deixar o Brasil e escolhemos o Chile.

Ao chegar no Chile, um pouco antes da eleição de Allende, encontramos outro ambiente, como a democracia plena com o Partido Comunista e outros partidos de esquerda em funcionamento. Meu contato com o Chile iniciou-se no Uruguai num Congresso Latino-Americano de Serviço Social quando o pessoal da Universidade Católica de Valparaíso me disse: “se você precisar pode ir para o Chile, a gente te recebe”. Foi um ato de solidariedade. Ao chegar à Universidade Católica, havia uma crise na Escola de Serviço Social: os alunos tinham se rebelado contra a visão tradicional do Serviço Social e estavam em greve.

A Reitoria, que era da Democracia Cristã, criou uma Comissão para repensar a formação juntamente com os docentes da Escola de Educação Familiar, que também estava se repensando naquele contexto. Começamos, então, a fazer debates com os alunos, sobre o que eles queriam que fosse a nova Escola de Trabalho Social. A discussão foi extremamente democrática: fazíamos sessões, debates, assembléias e formulamos um projeto curricular transformador, republicado posteriormente pelo CELATS “*Que es trabajo social*”.

O Chile foi a experiência da minha vida⁷, foi uma escolha revolucionária, que resultou no livro que publiquei pela Editora Cortez intitulado *Teoria, Método e Metodologia*. Nele, desenvolvo as três ideologias da época: a ideologia adaptativa, a ideologia reformista e a ideologia revolucionária. Então, nós iniciamos uma revolução numa escola com o apoio de uma parte da universidade; mais tarde, ela seria extinta pela outra parte da extrema direita. Vocês não imaginam, a mobilização por socialismo com liberdade no Chile. O nosso sonho não era o socialismo da União Soviética, mas queríamos mudar o sistema.

Durante a ditadura, a ABESS⁸ se mobilizou muito no Brasil, eu estava fora do país, mas houve uma mobilização efervescente junto à Associação Latino-Americana de Escola de Serviço Social - ALAES (que tinha visão crítica) e a Fundação do Centro Latino-Americano de Trabalho Social - CELATES. Essa mobilização foi fundamental porque conseguiram reunir em Lima no Peru, a Leila Lima⁹ que também foi de Belo Horizonte e um grupo pensante na

⁷ Cf. Reconceituação do Serviço Social: processo e movimento da Escuela de Trabajo Social da Universidade Católica de Valparaíso. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/32723>.

⁸ ABESS - Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social, criada 1946, uma década após a instalação do primeiro curso de Serviço Social no Brasil. Renomeada em 1996, para Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS)

⁹ Leila Lima Santos - Graduada em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Belo Horizonte. Posteriormente foi professora de Teoria do Serviço Social e Diretora

perspectiva da transformação social. Então, a influência e importância da ALAES foi muito grande.

Foi também da experiência chilena que escrevi o livro *Ideologia e Método*, publicado pela ECRO, em apoio à proposta de transformação. Então, a discussão da experiência chilena do CELATS foi fundamental para repensarmos os rumos da profissão. No Chile nossa escola revolucionária era também ponto de controvérsia e de perseguição da direita. No dia do golpe invadiram a Escola de Serviço Social na Universidade Católica chilena, queimaram os arquivos, fecharam a universidade e eu fui preso no Chile. Fui preso no dia 17 de setembro de 1972 e o golpe militar ocorreu dia 11.

Fiquei 3 meses preso. Depois de muita pressão inclusive da Eva, das igrejas, do Paulo Freire, do Brasil, da família, da Vicariato de Santiago, fomos para o Refúgio da ONU em Santiago. Minha passagem pela polícia está contada no depoimento no CFESS¹⁰, a que chamei de depoimento de repressão e solidariedade. Nós sofremos muita repressão, mas tivemos muita solidariedade e retribuimos sempre, aos amigos, colaborando financeiramente com o que podíamos, para movimentos sociais, voluntários, porque a solidariedade é vida.

Ao voltar ao Brasil em 1979, com a anistia, ao incorporar-me à realidade brasileira, pude, com esse referencial, a partir de análise da realidade e da dinâmica institucional, trabalhar a questão que denominei no livro *Ideologia e Método*, publicado em 1982, de 'paradigma de correlação de forças'. É este paradigma que venho desenvolvendo ao longo dos anos.

Retornamos ao Brasil sem nada, mas depois do exílio no Chile, consegui uma bolsa no Canadá que me permitiu morar em São Paulo e ter contato com a Luiza Erundina de Sousa¹¹. Com ela começamos a fazer um trabalho de base, conversando nos institutos e seminários.

da mesma Escola. cursou Sociologia do Trabalho na França e foi vice-presidente da ALAES - Associação Latino-Americana de Escola de Serviço Social. Atualmente é Diretora do Centro Latino-Americano de Trabalho Social - CELATS, em Lima, Peru.

¹⁰ O livro *Serviço Social, Memórias e Resistências contra a Ditadura: depoimentos* reúne 17 depoimentos, imagens e ilustrações que remetem à Ditadura. Disponível em <http://www.cfess.org.br/arquivos/Livro-MemoriaseResistenciasContraDitadura.pdf>

¹¹ Luiza Erundina de Sousa é formada em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB, João Pessoa, 1966. Tem Especialização em Desenvolvimento de Comunidade pela Escola de Serviço Social da UCSAL, BA, 1967 e curso de Extensão em Serviço Social de Grupo pela mesma Escola. Realizou Especialização em Administração e Organização de Empresas, SP, São Paulo, 1968 e em Leitura Dinâmica pelo Centro Educativo de Comunicações Sociais do Nordeste, PE, Recife, 1968. Continuou os estudos de Extensão de Dinâmica de Grupo na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, SP em 1969 e Aperfeiçoamento para Coordenadores e Assessores, INPS, PB, João Pessoa, 1970. Realizou Mestrado em Ciências Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, SP, São Paulo, 1970. Tem cursos de Liderança para Executivos, Impulso Serviços de Motivação Aplicada e de Desenvolvimento de

Revista Flecha do Tempo, São Paulo, n. 2, p. 99-106, mar./ ago. 2021.

O trabalho como assistente social

Em toda minha história de vida, sempre fui engajado com o voluntariado, fui diretor do Centro de Estudos da Criança (CRECRIA) durante 10 anos, na luta contra a exploração sexual. Também criamos uma ONG “Inverso” e publicamos um livro chamado *Portas Abertas a Loucura*, sobre o Movimento Pró-Saúde Mental e a luta antimanicomial.

Hoje estou também no Fórum dos direitos da pessoa idosa e no Partido dos Trabalhadores (PT). Me afastei durante quatro anos depois das acusações, mas voltei à militância, não quero cargo, nunca tive cargo, nunca pedi nada para político, mas quero uma transformação social e o Serviço Social é um dos possíveis agentes de transformação do cotidiano; por isso você tem que ter partido para mudar o todo.

Os partidos são contraditórios e não temos um partido ideal, todos são cheios de contradições. Criticamos o Partido Comunista na época, o PT, o PSOL, o PSB todos apresentam tendências e conflitos.

Formação

O currículo dos anos 30, 40 era um currículo ligado a higiene social, a saúde, vacinação, puericultura. Nos anos 40 e 50, com a influência norte-americana, o currículo era composto por Serviço Social de caso, grupo e comunidade. O currículo da ABESS de 1979 que nós implantamos, inclusive fui responsável pela implantação na UnB, substituía o caso, grupo e comunidade e colocava metodologias e políticas sociais como disciplinas. Penso que foi um grande avanço, mas jogamos fora muitas tecnologias importantes para atuação, por exemplo, a entrevista. A entrevista não era a mesma proposta do serviço social de caso, mas requer a relação face-a-face. A entrevista é fundamental, então, jogou-se fora o trabalho com grupos e entrevistas, foi um erro. No currículo da UnB e da Católica, ajudei a fazer e manter as técnicas de atuação com entrevistas e incluímos novas temáticas no currículo do Brasil, como exemplo a questão da diversidade. No currículo da Universidade Católica, a ABESS teve uma influência mais para o bem do que para o mal, porque tirou o ranço da adaptação, embora também tivesse um radicalismo ingênuo confundindo algumas técnicas com algumas ideologias. Você pode usar tecnologias, por exemplo, o celular? Usar um gravador é estratégia da direita ou da esquerda? A tecnologia não é neutra, você adota a tecnologia de acordo com aquilo que você quer fazer dela. Isso foi um problema. Nós fundamos a Associação Nacional de Pesquisa em

Comunidade pela Escola Nacional de Serviços Urbanos, SP, São Paulo em 1975. Luiza Erundina é Deputada Federal pelo Psol e tem uma trajetória política intensa até os dias atuais. Publicou pela Editora Cortez um livro em 1991 que tem por título “Exercício da paixão política”.

Serviço Social (ANPES) nos anos 80 junto com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOC). Mas a ABESS juntamente com a graduação e com a pós-graduação, tomou a decisão de fazer encontros separados e congressos separados, que permanecem até hoje.

A formação hoje

Hoje o foco é mais generalista. Acho que podia ter mais opções, especialidades em família, especialidades em criança e adolescente. As especializações deveriam ser mais aprofundadas. Mas estou de acordo com o currículo generalista, sem discriminar tendências. Um currículo generalista que permitisse oportunidade para ver todas as tendências da profissão.

Temos um Projeto Político do Serviço Social mas o principal questionamento dos assistentes sociais é a falta da relação teoria e prática. Por exemplo, adoto uma teoria, um paradigma, na hora da correlação de forças que você vai atender uma pessoa lá no INSS qual é o paradigma que vai estar presente na intervenção profissional? Tem o paradigma da assistência, que diz eu vou dar um benefício, mas o meu paradigma é crítico, ele vai se articular do particular para o geral. Está faltando essa formação, a relação do particular com o geral, do singular com particular, que é a dialética.

Vejo a história do Serviço Social hoje com muitas histórias. Tem uma história evolutiva, da qual sou contra, não houve uma evolução, houve mudanças paradigmáticas, que estão em conflito até hoje. Critico muito a visão do Juan Luiz Vivés¹², que diz que passou da assistência para transformação, não há esse caráter evolutivo ou involutivo, é preciso analisar o contexto e a conjuntura e verificar como se tem colocado hoje: serviço social no INSS, na saúde, na educação, na assistência, no jurídico.

Escrevi um artigo que se chama “A Precarização do Trabalho do Assistente Social”, ainda não aceito pela Revista. Trata-se de uma pesquisa que realizei em Brasília com nove assistentes sociais: três da saúde, três da assistência do SUAS, três dos SUS e três do Tribunal de Justiça. Mostra a teoria da correlação de forças, que é aplicável. É uma teoria que dinamiza as relações no cotidiano, a revolução

¹² Humanista e filósofo, nasceu em Espanha, no ano de 1492. No ano de 1509 rumou a Paris, no intuito de continuar os estudos na Universidade, nomeadamente nas áreas da língua, filosofia, ciências naturais e direito. Lecionou na Universidade de Louvain. Da sua vasta produção literária destacam-se as obras “Cidade de Deus de Santo Agostinho” (1522), “Da Educação da Mulher Cristã” (1523), e, “Da Assistência aos Pobres” (1525), pela controvérsia que geraram. No fundo, o que Vivés entendia como assistência social, não apenas dar esmola, mas antes combater a origem da pobreza, por isso advogava o conhecimento profundo das causas destes problemas para selecionar quem verdadeiramente não tinha quaisquer recursos ou, quem afinal, era ainda muito capaz de prover o seu sustento, e por isso, deveria ser posto a trabalhar.

do cotidiano. Falta um pouco da relação do singular, do particular, da teoria geral, é isso que eu acho que precisa ser aprofundado.

A pesquisa hoje no currículo é fundamental, ganhou espaço junto com a política social. Fomos os primeiros a criar em Brasília o mestrado em Política Social em 1984, sendo hoje o Serviço Social produtor de conhecimento. Penso que não somos um difusor do conhecimento importado, produzimos conhecimento com pesquisas, com trabalhos, com a intervenção, embora tenhamos descuidado um pouco do como fazer.

Não concordo muito com a palavra instrumentalidade da prática, prefiro usar a prática do que a instrumentalidade, porque instrumentalidade é um conjunto de instrumentos. A prática não, a prática é um processo. Então, acho que essa união da teoria com a prática que a gente já propunha no Chile, precisa ser mais aprofundada.

A formação está nessa relação entre a teoria e a prática, em articular a dialética da prática, do singular com o universal, em ter um paradigma para a intervenção. Saber o que se está fazendo, qual nossa perspectiva, se é funcionalista, se é crítica. Com relação aos desafios, precisam ser discutidos coletivamente, pois não serei eu que irei levá-los. Um dos desafios está em relacionar competência crítica, aprofundamento e capacidade para olhar e analisar a conjuntura. Porque você não pode fazer Serviço Social do mesmo jeito em toda parte. Sempre será necessário analisar o contexto, as questões particulares, verificar as desigualdades. Você pode trabalhar o tema abuso sexual, que eu conheço bem; mas se for na classe operária será muito diferente do que ocorre na classe burguesa. Então é necessário aprender a olhar as particularidades e as singularidades no contexto, na história, por isso, temos de observar os erros dos encaminhamentos do serviço social.

Um dos erros é o moralismo, os encaminhamentos moralistas. O moralismo não é profissional, é ideológico. É necessário aprender a olhar as questões sem uma visão moral; é claro que a perspectiva moral entra como um elemento que deve ser avaliada. O Serviço Social não é moral e nem é tecnológico. O Serviço Social é uma profissão. No meu livro *Globalização: correlação de forças e Serviço Social*, no último capítulo, reflito sobre o que é uma profissão. Profissão em poucas palavras, é um saber que se sabe fazendo, e se faz sabendo, então, não é moral. Nós temos que rejeitar todos o moralismo que as igrejas querem reintroduzir. Tem escolas de Serviço Social evangélicas para todo lado e católicas também. Até na PUC há uma crítica ao moralismo, mas essa visão moral dos bons costumes, a visão assistencialista e clientelista está voltando. Somos profissionais e profissionais fundamentados, essa é a perspectiva. A formação tem que possibilitar uma visão histórica para o estudante ter uma perspectiva da história, do seu contexto e do serviço social.